

DESCENDO A LADEIRA

Ricardo Pinheiro Penna

É assim a política. De um lado, o governo tentando fingir que está tudo normal e que a crise é passageira. Do outro, a oposição tentando amplificar o escândalo e colher dividendos em meio à confusão. Impassíveis, os números da pesquisa SOMA/Correio Braziliense mostram que o momento é difícilimo e que as coisas ainda podem piorar.

Nos últimos trinta dias três grandes episódios marcaram o governo Fernando Henrique. O primeiro foi a marcha dos sem-terra a Brasília, o segundo, a venda da Vale do Rio Doce e o terceiro, ainda em ebulição, o escândalo da venda de votos na Câmara. Os resultados da pesquisa, realizada entre 1º e 14 de maio, já incorporam os efeitos da marcha dos sem-terra e a venda da Vale. No entanto, é apenas marginal o impacto dos danos causados pelas denúncias da compra de votos.

Denúncias e escândalos precisaram de um certo tempo para maturar. Primeiro repercutem entre os formadores de opinião, que têm acesso regular aos jornais diários. Em um segundo momento, espalham por todas as grandes áreas urbanas através de outros meios de comunicação e só depois se irra-

Claudio Versiani



Fernando Henrique: rejeição da maioria politizada de Brasília

diam por toda a sociedade. É necessário algum tempo para que parte da população conheça o escândalo e faça sua associação ao governo. Isso significa que, dependendo do rumo das investigações, ainda há muita ladeira para descer.

A queda de 8 pontos percentuais na popularidade do presidente no DF não é tanta novidade assim. De fevereiro a março, perdeu 5 pontos e acumula; nos últimos três meses, 12 pontos de queda. É inquestionável a importância do real na sustenta-

ção da popularidade do governo, mas é também incontestável a incapacidade do plano econômico em manter o presidente nas nuvens. O governo não tem conseguido criar novos fatos e cada vez mais o Plano Real fica parecendo um velho retrato na parede.

A popularidade do presidente entre o grupo de formadores de opinião caiu 19 pontos percentuais nos últimos dois meses e hoje, pela primeira vez, Fernando Henrique tem a rejeição da maioria absoluta no segmento mais politizado da sociedade. Fica na população de baixa renda a última trincheira de apoio. Entre esse grupo a aprovação do governo encontra-se estável, em torno de 60%, e os desgastes não são ainda visíveis.

Nos próximos dias, as denúncias da venda de votos e o envolvimento do ministro das Comunicações devem fazer muitos estragos na imagem do governo e do presidente. Pelo andar da carruagem, o próximo passo deve ser o transbordamento e irradiação da crise para os grupos de menor escolaridade e renda. Cabe ao governo tentar encerrar o episódio o mais rápido possível para evitar danos ainda maiores.

■ Diretor de Pesquisa da Soma Opinião & Mercado